

## Um jardim das aflições: história e política em Olavo de Carvalho

A Garden of woe: history and politics in Olavo de Carvalho

Marcus Vinícius FURTADO DA SILVA OLIVEIRA\*

**Resumo:** O crescimento de grupos e partidos de extrema-direita em diversos países foi acompanhado pela ação de inúmeros intelectuais e *think tanks*. No Brasil, no contexto da ascensão de Jair Bolsonaro à presidência da República, as intervenções intelectuais de Olavo de Carvalho contribuíram para a difusão de posicionamentos políticos autoritários. Diante disso, o presente trabalho objetiva investigar a estruturação do pensamento de Olavo de Carvalho nos anos 1990. Elaborado durante a retomada da democracia no Brasil, o pensamento de Carvalho apontava para a existência de um país decadente que deveria regenerar-se a partir de uma nova cultura. Nesse sentido, pretendemos demonstrar como seu pensamento é construído a partir de uma perspectiva reacionária da história, mantida até seu falecimento em 2022, que, simultaneamente, busca a retomada de valores do passado e ambiciona uma transformação radical da realidade. Com isso, almejamos elucidar e combater argumentos contrários à democracia e à república.

**Palavras-chave:** Extrema-direita; Brasil; Política, Reacionarismo; Autoritarismo

**Abstract:** The growth of far-right parties and groups were followed, in several countries, by the actions of many intellectuals and think tanks. In Brazil, on the context of Jair Bolsonaro presidency, the intellectual interventions proposed by Olavo de Carvalho has contributed to spread authoritarian political stances. Therefore, the present work aims to investigate the structuring of Olavo de Carvalho's thought in the 1990's. Shaped during the resumption of democracy, Carvalho's thought pointed to the existence of a decadent country that should be regenerated by a new culture. In this sense, we aim to demonstrate how his thought was built parting from a reactionary perspective of history, held until his passing in 2022, which, simultaneously, proposes a quest to resume past values and strives for a radical transformation of reality. In doing so, we aim to elucidate and combat arguments against the democracy and the republic.

**Keywords:** Far-right; Brazil; Politics; Reactionarism; Authoritarianism

Recibido: 26 de julio de 2023

Aceptado: 05 de diciembre de 2023

---

\* Brasileiro. Pós-doutorando em História pela Universidade de Brasília, Doutor em História e Cultura Política pela Universidade Estadual Paulista e professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [marcus\\_oliveira1991@hotmail.com](mailto:marcus_oliveira1991@hotmail.com). ORCID: 0000-0001-7161-151X

## Introdução

O fenômeno da ascensão de grupos e partidos políticos de extrema direita em diversos países é acompanhado pela produção intelectual de diferentes indivíduos ou *think tanks* que se utilizam de diversos suportes midiáticos para disseminação de suas ideias. No Brasil, no contexto da vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, em 2018, o astrólogo e autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho emergiu como uma das figuras intelectuais de maior visibilidade e influência no espectro das direitas. Além de atingir altas cifras de audiência em suas redes sociais e cursos de filosofia comercializados virtualmente, Olavo de Carvalho indicou ministros para as pastas de Educação e Relações Exteriores no início do governo Bolsonaro.

Embora divergências políticas tenham produzido um distanciamento entre Carvalho e Bolsonaro, sua atuação intelectual permaneceu, mesmo após seu falecimento em 2022, um importante balizamento para grupos de direita e extrema-direita. Nesse sentido, compreender os elementos históricos e políticos que estruturam o pensamento de Olavo de Carvalho pode contribuir para elucidar determinadas ideias que circulam pela sociedade brasileira e ameaçam constantemente a ordem democrática e as instituições republicanas.

Ainda que tenha adquirido maior notoriedade ao longo da última década, sobretudo em virtude de suas postagens virulentas nas redes sociais, as intervenções políticas e intelectuais de Olavo de Carvalho remontam, ao menos, ao início dos anos 1990. No início da Nova República (1985 até o presente), Carvalho produziu parte significativa de sua obra. Assim, para compreendermos a estruturação de seu pensamento, tomaremos como fontes apenas as produções relativas a essa década. Com isso, pretendemos demonstrar como, partindo de uma leitura reacionária da história, Olavo de Carvalho afirmou o Brasil como uma sociedade que apresentava acentuados sinais de decadência. Diante disso, tratava-se, para o autor, de propor um projeto político capaz de regenerar a sociedade e estabelecer a busca por determinadas verdades atemporais que foram abandonadas ao longo do processo de modernização do país e do mundo.

Tal leitura, no contexto de sua produção, pretendia contrapor-se aos arranjos políticos e culturais elaborados para a Nova República. O processo brasileiro de democratização, assim como em outros países latino-americanos, foi marcado por uma transição negociada. Todavia, o impulso de importantes movimentos sociais como as *Diretas Já!* que exigiam que as eleições para a presidência da República de 1985 fossem realizadas de forma direta, marcaram importantes avanços na transição brasileira. Conforme aponta Jorge Ferreira (2018), o movimento das *Diretas Já!*, ainda que não vitorioso em seu principal objetivo, contribuiu para a consolidação da democracia e de uma sociedade civil atuante no país. Mais adiante, na promulgação da Constituição de 1988, que substituiu a constituição ditatorial de 1967, a abertura para a participação dos movimentos sociais e da sociedade civil conferiu tonalidades progressistas ao texto constitucional brasileiro.

Nesse sentido, o reacionarismo de Olavo de Carvalho, nos anos 1990, foi mobilizado para a crítica dos arranjos políticos que sustentaram essa nova ordem constitucional. Na contramão da Nova República, Carvalho apontava ainda a necessidade de combate aos comunistas que, a partir da crítica às organizações armadas que combateram a Ditadura Militar, teriam se infiltrado nas diferentes instituições brasileiras no intuito de promover uma revolução cultural. Ainda que razoavelmente inserido nos meios culturais e intelectuais brasileiros, Olavo de Carvalho marcava suas intervenções no debate público como a denúncia de um *establishment* que, subterraneamente, propunha a transformação radical da sociedade brasileira.

A experiência de um país decadente e as invectivas antissistema impulsionaram a transferência de Carvalho para os Estados Unidos. Mesmo fora do Brasil, Carvalho procurou influenciar os rumos do debate político e cultural a partir de plataformas virtuais. Nesses termos, a atuação nos meios digitais

figura como uma possibilidade de desenvolver um debate a partir de referências e posicionamentos políticos distintos daqueles ensejados pelo *establishment*. A internet, portanto, anteriormente ao surgimento das redes sociais, tornou-se uma mídia amplamente explorada para o aglutinamento de diversos grupos sociais que se contrapunham à ordem política e institucional brasileira.

Portanto, retornar aos anos 1990 implica um movimento duplo. Em primeiro lugar, trata-se de compreender a formação do pensamento reacionário de Olavo de Carvalho. Em segundo, a historicidade dessa formação aponta para importantes problemas. Carvalho, assim como outros intelectuais reacionários e conservadores, tornaram-se mais conhecidos no Brasil a partir das crises políticas evidenciadas nas Jornadas de Junho de 2013 e no *impeachment* da Dilma Rousseff em 2016. No entanto, retroceder aos anos iniciais da Nova República marca que o surgimento de tais grupos é anterior ao século XXI. Diante disso, a historicização do pensamento de Olavo de Carvalho propõe a discussão em torno das condições que proporcionaram o crescimento de tais grupos e sua consolidação como atores relevantes na política brasileira. Para tanto, é preciso elaborar um debate teórico em torno das definições do reacionarismo e das novas direitas no Brasil.

O reacionarismo, conforme definição de Mark Lilla (2018), parte de uma experiência temporal que experimenta o fluxo do tempo como angústia e decadência. Para os reacionários, a passagem do tempo, acentuada pelo processo de modernização ocorrido ao longo dos últimos séculos, é compreendida como um elemento destrutivo. Diante disso, em sua nostalgia, o reacionário ambiciona restaurar esse tempo perdido. Nos termos de Lilla:

A mente reacionária é uma mente naufragada. Onde os outros veem o rio do tempo fluindo como sempre fluiu, o reacionário enxerga os destroços do paraíso passando à deriva. Ele é um exilado do tempo. O revolucionário vê o futuro radioso que os outros não são capazes de ver, e com isto se exalta. O reacionário, imune às mentiras modernas, vê o passado em todo seu esplendor, e também se sente exaltado. Sente-se em mais forte posição que o adversário por se julgar guardião do que de fato aconteceu, e não profeta do que poderia ser. (...) A combatividade de sua nostalgia é o que torna o reacionário uma figura tipicamente moderna, e não tradicional. (LILLA, 2018, p. 12)

Apesar da desconfiança em relação à modernidade, Lilla ressalta que a mente reacionária é também produto dessa mesma modernidade. Considerar o reacionarismo como produto da modernidade implica afirmar que a condição de exilado no tempo não estabelece um sujeito fora do próprio tempo. Ao contrário, o pensamento político reacionário é produzido a partir de uma reação à modernidade e de um desejo de transformá-la. Assim, partindo da definição de Mark Lilla, em diálogo com as análises de Michael Oakshott, o filósofo brasileiro Martim Vasquez da Cunha (2019) afirma que Olavo de Carvalho, ao mesmo tempo em que pretende se contrapor ao mundo moderno, também se utiliza de elementos característicos da modernidade para sua contestação. Portanto, como produto da modernidade, o projeto político reacionário almeja intervir e transformar a história em um determinado sentido. A nostalgia da mente reacionária não se configura como um anacronismo que persiste na contemporaneidade, mas a partir de um desejo de retomada do passado que incide nas expectativas políticas para o futuro. Nesse sentido, pretendemos demonstrar ao longo do trabalho que a leitura da história enquanto decadência elaborada por Olavo de Carvalho é sobreposta a um projeto político de ação e transformação da realidade. Trata-se, nessa leitura, de recuperar, a partir do presente, determinados elementos atemporais disponíveis no passado.

Nesses termos, a experiência reacionária figura como possibilidade de questionamento a uma determinada ordem considerada como decadente. Como demonstram Cas Mudde (2019) e Pablo Stefanoni

(2022), essa perspectiva antissistêmica é comum aos diversos grupos que compõem as Novas Direitas. Mudde, partindo da ciência política, produz uma análise histórica acerca dos grupos de extrema-direita e direita radical ao longo dos séculos XX e XXI e aponta a existência de quatro momentos distintos. Diferentemente dos grupos e partidos anteriores, os componentes da quarta onda das direitas extrema e radical, em virtude de crises políticas, sociais e econômicas, foram normalizados nas instituições políticas de vários países. No interior dos sistemas políticos, tais grupos contribuem para o tensionamento das instituições e dos arranjos políticos estabelecidos. Em diagnóstico semelhante, Pablo Stefanoni aponta para uma dimensão rebelde no comportamento das Novas Direitas. Contrapondo-se a um modelo político e social considerado elitista, tais grupos, ainda que apresentem traços nostálgicos e conservadores, se movimentam na direção de uma transformação social.

Portanto, pretendemos demonstrar que, como parte do fenômeno mais amplo da criação e consolidação das Novas Direitas no Brasil, o reacionarismo de Olavo de Carvalho se apresenta como um projeto político de transformação da realidade que mobiliza determinados aspectos do passado como possibilidade de crítica e questionamento de instituições consideradas como representantes de oligarquias que ambicionam o controle e a manipulação da população.

## Construindo o jardim das aflições

No início dos anos 1990, no contexto da redemocratização do Brasil, Olavo de Carvalho (2014), em seu livro *A nova era e a revolução cultural*, vaticinou que o país estava na iminência de uma revolução comunista. Tal vaticínio foi sustentado a partir de uma análise da Ditadura Militar brasileira. Para Carvalho, os militares não cumpriram sua função na repressão aos comunistas. Durante seu regime de exceção, os militares derrotaram apenas os grupos armados de esquerda, permitindo que outros grupos comunistas, preocupados com a luta cultural, se infiltrassem em diversas instituições e meios de comunicação.

Com isso, Olavo de Carvalho opera uma apropriação da cultura política anticomunista presente no Brasil, conforme definida por Rodrigo Patto Sá Motta (2002), ao menos desde os anos 1930. Nessas concepções, os comunistas eram representados como traidores da pátria ou como seres ameaçadores que, imiscuídos em diferentes âmbitos sociais, preparavam-se para desferir ataques letais às tradições. Nos anos 1990, com o fim da Ditadura Militar e da URSS, há uma reconfiguração no anticomunismo. O perigo vermelho, que sempre assolara o Brasil, teria adquirido novas dimensões e formas de luta política. Para Carvalho, o intelectual e político italiano Antonio Gramsci foi um dos responsáveis por essa transformação nas políticas dos comunistas.

Sem qualquer referência aos textos gramscianos ou menção a bibliografias especializadas<sup>1</sup>, Carvalho apresenta a teoria da hegemonia como um novo mecanismo de transformação da realidade operado pelos comunistas. Abandonando a revolução armada, a ação comunista deveria ocorrer na esfera cultural. Do interior das escolas, universidades e mídias, os comunistas atuam no sentido de efetivar mudanças no pensamento da sociedade. Assim, ao deslocar a ameaça vermelha para a dimensão cultural, Olavo de

---

<sup>1</sup> Para aprofundar as leituras de Gramsci produzidas por Olavo de Carvalho ver: OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado da Silva. Gramsci no jardim das aflições. Belo Horizonte: Anais do VIII Encontro de Pesquisa em História da UFMG, 2019.

Carvalho opera uma nova apropriação do anticomunismo brasileiro que mantém as imagens características dos anos 1930 associadas a outros grupos e posicionamentos políticos:

A geração que, derrotada pela ditadura militar, abandonou os sonhos de chegar ao poder pela luta armada e se dedicou, em silêncio, a uma revisão da estratégia, à luz dos ensinamentos de Antonio Gramsci. O que Gramsci lhe ensinou foi abdicar do radicalismo ostensivo para ampliar a margem de alianças; foi renunciar à pureza dos esquemas ideológicos aparentes para ganhar eficiência na arte de aliciar e comprometer; foi recuar do combate político direto para a zona mais profunda da sabotagem psicológica. (...) A conversão formal ou informal, consciente ou inconsciente da intelectualidade de esquerda à estratégia de Antonio Gramsci é o fato mais relevante da História nacional dos últimos trinta anos. É nela, bem como em outros fatores concordantes e convergentes, que se deve buscar a origem das mutações psicológicas de alcance incalculável que lançam o Brasil numa situação claramente pré-revolucionária, que até o momento só dois observadores, além do autor desse livro, souberam analisar, e aliás mui discretamente. (CARVALHO, 2014, p. 22-23)

Em sua leitura de Gramsci, Carvalho transforma a teoria da hegemonia em um aparato de dominação psicológica utilizado pelos intelectuais para a deflagração de um processo revolucionário. Ao afirmar a condição por vezes inconsciente da dominação gramsciana, o autor pretende se afirmar como um dos poucos sujeitos capazes de escapar a essa estratégia. Com isso, mais que postular a si mesmo como um intelectual capaz de iluminar determinadas verdades escamoteadas, Carvalho pretende demarcar um espaço de autoridade e legitimidade intelectual, no qual determinados saberes produzidos sobretudo em espaços acadêmicos perdem sua legitimidade. Embora central para os argumentos do autor, a figura de Gramsci aparece vinculada a determinados desdobramentos da cultura Ocidental na modernidade. Para Carvalho, ao propor formas políticas de ação e transformação da realidade, Gramsci, assim como outros pensadores e correntes modernos, atestam a decadência do Ocidente:

Filosofias que recuam da especulação teórica para a proposição de ações práticas são filosofias da decadência; marcam as épocas em que os homens já não conseguem compreender o mundo e passam a agitar-se para escapar de um mundo incompreensível. (...) E assim prossegue a história do pensamento Ocidental, numa pulsação entre o empenho da compreensão teórica e a queda no ceticismo praticista. O fundo comum de onde emergem o positivismo, o marxismo e o neotomismo é a dissolução do racionalismo clássico, levado a um beco sem saída pela crítica kantiana e que tem no idealismo alemão o seu canto de cisne. Positivismo, marxismo e neotomismo são as filosofias de uma época que não tem filosofia nenhuma; de uma época que anseia por transformar o mundo na medida mesma em que é incapaz de desempenhar o esforço teórico necessário para compreendê-lo. (CARVALHO, 2014, p. 70-71)

Nessa leitura, o recuo da especulação e a proposição de ações práticas na realidade são consideradas como marcos na decadência ocidental. Com isso, correntes filosóficas amplamente diversas são equiparadas como sintomas da queda proporcionada pela modernidade. Ao recusar a filosofia como forma de ação na realidade, Olavo de Carvalho apresenta uma inversão das *Teses sobre Feuerbach*, na qual Marx (2007) afirma que “os filósofos apenas interpretaram o mundo diferentemente, importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p. 29). Para Carvalho, não se trata de transformar o mundo, mas de apenas interpretá-lo.

Por outro lado, a recusa da ação política para transformação da realidade implica uma tentativa de rejeição do cronótopo característico da modernidade. Conforme analisa Reinhart Koselleck (2006), o tempo histórico moderno é marcado pelo afastamento entre passado e futuro. Atravessada pelas

expectativas de progresso, a temporalidade moderna ambiciona construir, a partir do presente, uma realidade histórica radicalmente diversa do passado. Tais expectativas, para Koselleck, aparecem vinculadas à consciência da capacidade de agência humana na transformação dos sentidos da história. Portanto, ao apontar para a necessidade de retomada da especulação e para a recusa da ação humana sobre o real, Olavo de Carvalho se contrapõe às configurações temporais produzidas na modernidade.

Contudo, conforme as definições propostas do Lilla e Cunha, o reacionário, ao passo em que recusa a modernidade, também se utiliza de determinados aspectos modernos para produzir sua crítica. Experimentado como decadente, o mundo moderno se afasta das verdades atemporais produzidas em outros tempos, tornando o homem distante da transcendentalidade e do aperfeiçoamento espiritual. Nesse sentido, o diagnóstico da decadência conduz Olavo de Carvalho a um projeto político de transformação da realidade. Não se trata de, diante da queda, procurar refúgios para uma vivência espiritual isolada. Ao contrário, as intervenções intelectuais de Carvalho carregam a proposição da retomada, também a partir do presente, de determinados elementos do passado. Portanto, a nostalgia do passado é atravessada por um projeto político para o futuro.

Se em *A nova era e a revolução cultural*, publicado originalmente em 1994, o autor preocupa-se com sintomas contemporâneos da decadência, em *O jardim das aflições*, publicado no ano seguinte, Olavo de Carvalho (2015) elabora uma narrativa transhistórica do decaimento cultural do Ocidente. Nessa leitura, tais sintomas são recuados para a Antiguidade em um movimento no qual Epicuro é abordado como o precursor do materialismo e, portanto, um antecessor de filosofias modernas como o marxismo. Segundo Carvalho, a percepção da necessidade de efetuar esse recuo ocorreu durante uma palestra sobre ética em Epicuro proferida em 1990 por José Américo da Motta Pessanha. A partir da conferência de Pessanha, Carvalho estabeleceu as conexões entre os momentos de decadência produzidos ainda na Antiguidade e aqueles característicos de seu próprio tempo:

Digo então que o miolo destas páginas redigi numa só noite de maio de 1990, sob o impacto da aversão que haviam despertado em mim as palavras de José Américo Motta Pessanha, ouvidas horas antes numa conferência sobre Epicuro no ciclo de Ética que a Secretaria Municipal de Cultura promovia no Museu de Arte de São Paulo. Isto projetará talvez a imagem de um fanático, a espumar de cólera ante a opinião adversária. Mas não foi nada disto. O que Pessanha suscitara em mim não fora uma discordância, fanática ou razoável, indignada ou mansa. Fora uma perturbação da alma, uma decepção, uma tristeza desesperançada, uma agitação soturna carregada de maus presságios. Meras opiniões não produzem este efeito. O título prometia “delícias”, mas ali eu só encontrara pesares e aflições. O Jardim de Epicuro parecia-se estranhamente com o Jardim das Oliveiras. (...) Eu saíra dali em estado de estupor, sem crer no que acabara de presenciar. Em casa, tentando adormecer, via em alucinações as poltronas do MASP lotadas de zumbis sem olhos. Saltava da cama com a cabeça fervilhando. Tudo o que a plateia não quisera ver parecia ter se condensado no meu subconsciente, exigindo vir à tona. Querendo ou não, eu me tornara o sintoma denunciador de uma neurose coletiva. (CARVALHO, 2015, p. 27-28)

Novamente, Olavo de Carvalho projeta sua imagem como um intelectual capaz de desvelar elementos recônditos da realidade. Tal imagem é reforçada, em primeiro lugar, pela aproximação entre as delícias prometidas pelo jardim de Epicuro e o jardim das Oliveiras. Na narrativa bíblica, no livro de Lucas, há uma passagem em que Jesus Cristo atravessa uma forte agonia e suas gotas de suor escorrem como sangue. Nessa comparação, a filosofia de Epicuro exposta por Pessanha torna-se, apenas para Carvalho, um momento de sofrimento semelhante ao tormento experimentado por Cristo. Em seguida, as imagens que frequentaram sua imaginação pretendem reafirmar sua capacidade de vislumbrar aquilo que não é



dados aos olhares comuns. O zumbi, figura de um morto vivo de comportamento gregário e irracional, cria a imagem de uma plateia massificada e dominada que, sem olhos, é incapaz de captar o que se estava passando no momento. Diante desse cenário, Carvalho conclui que seus próprios devaneios, eivados de uma tonalidade fortemente esotérica, são elementos que denunciam a neurose coletiva daqueles que se encontram atados às reflexões de Pessanha.

Produto dessa revelação esotérica, o imenso jardim das aflições elaborado por Olavo de Carvalho compreende a história do Ocidente, de Epicuro a Marx, como continuidade e aprofundamento da distância do homem em relação a uma dimensão espiritual transcendente e atemporal. Nesse sentido, a história Ocidental torna-se a narrativa de como determinadas formações políticas procuraram assumir as funções centrais outrora pertencentes à esfera da religiosidade.

As análises de Epicuro (2002) despertaram a aflição de Carvalho em virtude de suas reflexões sobre a morte. Para o filósofo grego, a finitude figura como um dos temores dos homens. Contudo, tal temor é injustificado. A morte, como privação das sensações, não deve angustiar os seres humanos, mas estimular a busca pela fruição da efemeridade da vida. Por isso, afirma Epicuro que a morte “não é nada, visto que todo bem e todo mal reside nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição de uma vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.” (EPICURO, 2002, p. 27)

Para Carvalho, o distanciamento de Epicuro em relação a um desejo de infinitude e imortalidade significa, novamente sem qualquer discussão bibliográfica consistente, o aceno a uma filosofia materialista marcada pela recusa da transcendência e pela adoção do nada como perspectiva. Em virtude disso, as delícias prometidas por Epicuro para a superação do temor da morte são experimentadas por Olavo de Carvalho a partir da aflição de uma realidade que almeja substitutos laicos para a esfera religiosa.

Evidentemente, a leitura de Epicuro é profundamente anacrônica. Todavia, esse anacronismo atua na sustentação de uma narrativa na qual esse momento de pecado original se desdobra ao longo da história. Assim, Carvalho é capaz de aproximar Epicuro, Marx e Gramsci como elementos que compõem esse imenso jardim das aflições. Para o autor, Marx, a partir de seus estudos acerca de Demócrito e Epicuro, se apropria do materialismo formulado na Antiguidade, aprofundando, assim, em uma proposta socialista, o afastamento da sociedade das verdades atemporais e da especulação teórica:

Uma vez unidos Marx e Epicuro pelos santos laços do ódio à inteligência teórica e do primado do interesse prático, Pessanha começa a fazer sentido. No reino das ilusões, não há nenhuma hostilidade essencial entre o interesse pessoal e o interesse coletivo: numa mesma alma podem conviver em harmonia o evasimismo epicurista e o utopismo socialista, unidos na luta comum contra o princípio do conhecimento objetivo e no empenho comum de substituir a realidade em vez de compreendê-la. (CARVALHO, 2015, p. 158)

Nesse momento, o argumento revela com maior intensidade seu aspecto circular e tautológico. A conferência proferida por Pessanha em 1990 é o elemento deflagrador para a construção da leitura histórica que sustenta o jardim das aflições. É por meio das aflições produzidas pela retomada da filosofia de Epicuro que Olavo de Carvalho opera esse longo regresso ao passado. Contudo, essa narrativa retorna para seu ponto inicial para confirmar as hipóteses surgidas previamente durante a palestra. Em uma espécie de linha genética, a palestra de Pessanha é o elo entre o pecado original de Epicuro e sua reprodução na contemporaneidade:

O deus histórico-cósmico, o deus de Motta Pessanha, já passou duas vezes pela História Ocidental. Da primeira vez, personificou-se em César, o deus-imperador. Da segunda, tomou o nome de gnosticismo, o cadáver da religião imperial a empestear dos vapores da sua decomposição os seis primeiros séculos do Cristianismo. Chegada, porém, a consumação do prazo histórico, a profecia de Motta Pessanha anuncia, sobre o túmulo de Cristo, a ressurreição de César. (CARVALHO, 2015, p. 238)

Por outro lado, a ampla linha genética que compõe o jardim das aflições não é composta apenas por elementos teóricos ou filosóficos. Para o autor, há também uma continuidade na decadência nos eventos políticos que sucederam a Antiguidade. Nesse excerto, a figura de César, evocada em oposição à de Cristo, pretende afirmar a existência de um mundo que substituiu seus deuses. César, portanto, é o símbolo daqueles que constroem suas ideologias acima do túmulo de Cristo.

Ainda, ao afirmar o deus de Pessanha como histórico-cósmico, Olavo de Carvalho ambiciona acentuar o afastamento dos modernos em relação à objetividade e à transcendentalidade. Como entidade histórica, o deus de Pessanha, que retorna da Antiguidade, aponta para um mundo que, ao eleger o tempo e o espaço como seus novos objetos de culto, se contrapôs a objetividade proporcionada apenas pelo pensamento religioso. Nesses termos, a reflexão iniciada em *A nova era e a revolução cultural* adquire novas dimensões em *O jardim das aflições*. No primeiro livro, há uma oposição entre as ideologias, compreendidas como filosofias da decadência que abdicam da compreensão do mundo para efetivar sua transformação, e o pensamento religioso, marcado pela busca da objetividade e da atemporalidade. No segundo, essa oposição é redimensionada para abarcar diferentes eventos históricos fundamentais para a história do Ocidente.

A figura de César, que retorna com Pessanha, na verdade, é recorrente na história do Ocidente de Olavo de Carvalho. Nessa decadência que se repete exaustivamente, Renascimento, Iluminismo, a Revolução Francesa, o socialismo e o surgimento do capitalismo tornam-se também elementos constitutivos do jardim das aflições. Essa percepção de um retorno recorrente de César postula uma outra insegurança para o mundo pós-Guerra Fria. Se, por um lado, a derrota do comunismo, em razão da estratégia gramsciana de dominação, não garante a superação dessa ideologia, por outro, a vitória do capitalismo não implica a retomada das práticas espirituais:

O que está em jogo no mundo não é portanto um mero conflito entre ideologias, mas sim a possibilidade de sobrevivência espiritual da humanidade num mundo onde todas as opções ideológicas díspares e antagônicas se uniram num pacto entre inimigos para varrer da face da Terra o legado das antigas religiões – pelo menos das três grandes religiões do grupo abrahâmico –, de cujo crédito essas ideologias se alimentam parasitariamente. A total laicização do Estado imperial trouxe consigo a laicização de todos os conflitos, o rebaixamento de todas as religiões e de todos os valores civilizacionais, a degradação de todos os motivos pelos quais os homens vivem e morrem. Quem enxerga, hoje, que um século de conflito entre socialismo e capitalismo terminou pela ascensão do Império mundial onde elementos socialistas e capitalistas foram absorvidos e superados na ideologia do Estado leigo, compreende que o fim do dualismo ideológico, sendo uma realidade, não tem efetivamente o sentido que lhe deu Daniel Bell, mas sim o da entronização de uma espécie de super-ideologia – a “metade desvitalizada” do corpo cristão – que não encontra concorrentes hoje no mundo senão outras duas religiões igualmente desespiritualizadas e rebaixadas à condição de ideologias. (CARVALHO, 2015, p. 392)

Portanto, independente de suas divergências, as diferentes ideologias agregadas no interior do jardim das aflições representam um enfrentamento da dimensão espiritual humana. É interessante notar que, no



excerto, Olavo de Carvalho reivindica a herança das três grandes religiões monoteístas. Tal reivindicação marca que seu pensamento não se conforma a partir de uma religião institucionalizada, mas de uma compreensão de que tais religiões, em sua busca espiritual pela compreensão do mundo, são capazes de revelar determinadas verdades.

A crença de que verdades atemporais podem ser reveladas pelas heranças das religiões antigas é parte de um movimento intelectual conhecido como tradicionalismo. Apesar de suas bases filosóficas remontarem ao Renascimento, o movimento tradicionalista, conforme analisa Mark Sedgwick (2020), adquire novas configurações no século XX a partir de autores como o francês René Guènon, um dos pensadores mais significativos para Olavo de Carvalho. Para Sedgwick:

O movimento tradicionalista objeto deste livro toma a tradição primariamente nesse sentido, como uma crença e a prática transmitidas desde os tempos imemoriais – ou a crença e prática que *deveriam* ter sido transmitidas, mas que foram perdidas pelo Ocidente durante a segunda metade do segundo milênio d.C. De acordo com os tradicionalistas, o Ocidente moderno está em crise devido à perda da transmissão da tradição (SEDGWICK, 2020, p. 55).

A percepção da validade universal e perene das tradições religiosas antigas parte de uma leitura equivocada das obras de Hermes Trismegisto produzidas durante o Renascimento. Tal equívoco deriva de uma datação errônea de suas obras, que situou a produção de seus textos em momento anterior ao surgimento do cristianismo. Nesse sentido, partindo da datação inexata, os textos herméticos foram compreendidos como uma anunciação do cristianismo. Em virtude disso, as diferenças entre as religiões são desconsideradas devido à percepção de um núcleo comum de verdades perenes presentes em diferentes matrizes religiosas. Transposta para o século XX, a filosofia perene, base do movimento tradicionalista, sustenta a definição de um Ocidente profundamente decadente. A história ocidental, na leitura tradicionalista, é a do apagamento das tradições milenares.

Apesar de formuladas originalmente no início do século XX por René Guènon, a penetração do tradicionalismo na cultura Ocidental contemporânea ocorreu, de acordo com Sedgwick, a partir dos anos 1960. No momento subsequente à escrita das obras de Guènon, o tradicionalismo apresentou ligações políticas tensas com o fascismo. Mais além do apoio ou adesão ao fascismo, os tradicionalistas pretenderam se inserir nesses movimentos para alterar seus direcionamentos. Com a derrota fascista, há uma fragmentação do tradicionalismo, que é retomado com maior intensidade nos anos 1960 em alguns países islâmicos e na Rússia.

A análise de Sedgwick é ainda relevante para além de sua ampla e documentada narrativa sobre a história do tradicionalismo. Mais que narrar as vicissitudes de um movimento intelectual pouco conhecido, o autor marca sua contemporaneidade. O reacionarismo dos tradicionalistas, apesar de sua crítica à decadência do mundo moderno, é uma proposta de gestão do moderno a partir de uma dimensão objetiva e religiosa. Essa consideração abre possibilidades para a compreensão dos enfrentamentos às instituições modernas por parte de reacionários e tradicionalistas. Produzidas no exterior de tais instituições, inclusive acadêmicas, as ideias de tais grupos almejam a reconfiguração radical dessa mesma institucionalidade a partir de seus critérios de verdade objetiva e atemporal.

Em Olavo de Carvalho, as marcas do tradicionalismo se evidenciam no diagnóstico histórico da decadência da espiritualidade no mundo Ocidental. Além disso, a reivindicação do legado das três principais religiões monoteístas aponta para a percepção de que estas carregam consigo a revelação de princípios perenes a serem retomados pelos indivíduos em suas buscas espirituais. Nessa leitura, como destaca Sedgwick, há uma construção específica do Orientalismo. O Oriente, representado comumente na

cultura ocidental como um outro selvagem e não civilizado, é apresentado pelos tradicionalistas como um espelho para o Ocidente. Nesse Oriente, também idealizado com intenções políticas, as tradições imemoriais ainda persistem e, com isso, tornam-se elementos fundamentais para a regeneração do Ocidente.

Portanto, além de apontar os evidentes equívocos e posicionamentos abertamente autoritários presentes no pensamento de Olavo de Carvalho, é preciso também refletir em torno de suas condições de produção. Não se trata de trabalhos construídos a partir de premissas científicas ou acadêmicas. Mais ainda, trata-se de reflexões produzidas em contraposição ao saber científico que, considerado pelo autor como produto do relativismo moderno, compõe a angústia interminável do jardim das aflições.

### A retroprojeção histórica

Mais adiante, em *O futuro do pensamento brasileiro*, publicado em 1997, Olavo de Carvalho (2016) agrupou artigos sobre os intelectuais brasileiros e sobre o lugar do Brasil no mundo. Nessa discussão acerca da realidade brasileira, Carvalho analisa um dos problemas fundamentais do pensamento social brasileiro. Enquanto para parte do pensamento social brasileiro o passado se configura como um obstáculo à realização da modernidade (LYNCH, 2019), para Olavo de Carvalho a busca por essa modernidade representa a decadência da cultura brasileira (OLIVEIRA, 2021).

Na contramão da pressuposição básica da ciência histórica, Carvalho afirma se contrapor ao que nomeia como cronocentrismo. Essa centralidade do tempo, ao relativizar os saberes e historicizar diferentes tempos, representa o abandono das possibilidades de objetividade. Conforme as verdades atemporais se encontram recônditas em um passado distante, ser um homem vinculado a seu próprio tempo é uma postura equivocada para Carvalho. Em virtude disso, o método para leitura e interpretação da história proposto pelo autor é, em seus próprios termos, uma retroprojeção histórica:

Um “passado vivente”, por justa e precisa que pudesse ser sua imagem segundo o historiador mais agudo e escrupuloso, não seria no entanto propriamente vivente na simples leitura que dele fizéssemos; para ser vivente de fato e de direito, ele teria de fazer sua própria leitura de nós – sua leitura de nossas leituras dele. O caráter vivente do passado se encontra menos no realismo de sua imagem, por mais completa e fiel, do que na sua capacidade de ver – e nos fazer ver – a nossa imagem. Onde os melhores historiadores conseguiram fazer o passado vir a nós, restaria a tarefa de nos levar até ele, de nos submeter ao seu exame. Sabemos muito desse passado. Resta-nos conhecer o que ele sabia de nós, o que ela sabe de nós. Em suma, nossa preocupação de objetividade é algo mais que um simples desejo de reificação do passado, não se trata só de saber o que pensamos de Platão ou de Descartes, mas também o que Platão e Descartes teriam pensado de nós. O historiador deve tornar-se objeto, o historiado sujeito. Esse método funda-se no pressuposto de que todo pensamento ou ato humano não tem sentido senão no quadro de um futuro projetado, desejado ou temido, e de que por isto é sempre possível julgar o presente ante um tribunal dos tempos passados, tal como um adulto se põe em julgamento ante o tribunal de seus sonhos de infância e de seus projetos de juventude, e por eles mede quase que infalivelmente seu fracasso ou sucesso. (CARVALHO, 2016. p. 89)

Na perspectiva de Olavo de Carvalho, o passado vivente não é aquele construído pelo historiador. Recusando as descontinuidades e especificidades dos tempos históricos, o autor, novamente em contraposição à historiografia, estabelece o estudo da história como uma projeção do passado sobre o presente e o futuro. Com isso, Carvalho pretende que as verdades objetivas encontradas no passado sejam transpostas para o presente e utilizadas para projetar o futuro. Os acertos ou equívocos, como na

comparação do adulto que julga a si mesmo a partir de suas expectativas do passado, podem ser objetivamente julgados a partir das aproximações e distanciamentos em relação aos parâmetros estabelecidos anteriormente.

Evidentemente, há graves problemas nessa pressuposição. O passado é fundamental para produção das ações no presente e para a projeção do futuro. No entanto, a existência desse passado ocorre somente a partir das dimensões conferidas pelo presente. Não há um passado absolutamente objetivo, uma vez que a própria produção do passado ocorre a partir das intencionalidades do presente. A retroprojeção histórica é possível somente em razão da crença, também equivocada, dos tradicionalistas em verdades dispostas em tradições antigas. Assim, situadas fora do tempo, essas verdades estão sempre acessíveis para que presente e o futuro possam medir-se a partir de seus critérios.

Tal concepção temporal demonstra que a nostalgia comporta projeções para o futuro. Nesse sentido, o reacionarismo de Olavo de Carvalho, ainda que estruturado em torno da retomada de elementos do passado, é marcado por um projeto político que pretende reordenar a modernidade. Embora assista angustiado aos destroços do paraíso, Olavo de Carvalho e os reacionários não são excrescências do passado. Ao contrário, seu risco para a democracia e para as instituições reside precisamente em sua contemporaneidade.

Conforme analisam Valdeci Araújo e Mateus Pereira (2018), há a formação de um novo cronótopo a partir da segunda metade do século XX. Nesse período, termos característicos da temporalidade moderna, como progresso e revolução, são paulatinamente substituídos por outros, como atualização. Essa transformação, visível em diversos âmbitos da sociedade, indica novas possibilidades de experimentação do tempo na contemporaneidade.

As décadas finais do século XX, acompanhadas pela queda do Muro de Berlim e da URSS, atestaram um período de diminuição das expectativas. O cancelamento das utopias, ao contrário do que argumentaram François Hartog (2013) e Hans Ulrich Gumbrecht (2014), não implica uma temporalidade presentista ou um presente amplo. Ao proporem uma historicização do presente histórico, Araújo e Pereira apontam para uma modalidade atualista de experimentação do tempo na contemporaneidade.

No regime temporal atualista há, inclusive em virtude das amplas possibilidades de armazenamento e acesso de arquivos na esfera digital, uma forte presença do passado. Todavia, essa presença não implica o presente como uma repetição ou retomada do passado. Há, portanto, outras tensões temporais entre presente, passado e futuro na experiência atualista. Ordenada em torno da ideia de atualização, essa temporalidade se baseia em um presente que constantemente atualiza seu passado. O futuro, nesses termos, não aparece, como na temporalidade moderna descrita por Koselleck, a partir de um afastamento em relação ao passado, mas de uma atualização desse mesmo passado operada a partir do presente.

Evidentemente, há distintas possibilidades de vivência do tempo atualista. O reacionarismo de Olavo de Carvalho, fundado a partir de uma apropriação do tradicionalismo, parece configurar-se a partir dessa temporalidade. A retroprojeção histórica, na medida em que pretende mensurar o presente e o futuro a partir dos valores objetivos do passado, propõe esses dois tempos como uma atualização desses valores. Assim, a utilização do conceito de atualismo, em conjunto com as reflexões de Lilla, Cunha e Sedgwick, permite capturar a dimensão contemporânea do pensamento reacionário de Olavo de Carvalho e os projetos políticos de futuro que perpassam sua nostalgia autoritária por verdades objetivas ancoradas em princípios religiosos.

## Considerações finais

Estruturado a partir de uma perspectiva reacionária, o pensamento de Olavo de Carvalho foi produzido em contraposição ao pensamento e às instituições, políticas e científicas, da modernidade. Elaborado nas margens da modernidade, tal pensamento direciona sua ofensiva ao moderno a partir de determinadas ideias do passado. Em contraposição ao relativismo da modernidade, Olavo de Carvalho pretendeu oferecer uma condução objetiva da sociedade.

Conforme demonstrou Claude Lefort (1991), o regime político democrático característico da modernidade foi estruturado a partir de um lugar de poder simbolicamente vazio. Isso ocorre em razão da dissolução de princípios apriorísticos capazes de estabelecer a legitimidade do poder. Em uma sociedade de indivíduos, o poder político não pode se tornar a expressão de uma verdade objetiva. Nesse sentido, o lugar de poder simbolicamente vazio da democracia é o que garante a possibilidade de expressão das diferentes individualidades em disputa política.

Todavia, a construção de um regime político democrático foi também acompanhada pela ascensão de regimes autoritários que, em contraposição à incerteza democrática, pretenderam ocupar permanentemente esse lugar de poder. Evidentemente, não se trata de afirmar o totalitarismo de Olavo de Carvalho, mas de apontar, a partir das reflexões de Lefort, como a crença tradicionalista na manifestação das verdades atemporais é profundamente autoritária.

O projeto político de Olavo de Carvalho, atravessado pelo desejo de atualização desse passado imemorial, é precisamente uma contestação das fundações da democracia. Nessa leitura, a política praticamente desaparece em torno da busca individual pelas verdades ainda não reveladas. Nessa projeção, as ações dos indivíduos e da sociedade são circunscritas a uma realidade implacável da qual não podem se distanciar. Por fim, compreender a contemporaneidade da formação do reacionarismo de Olavo de Carvalho implica não somente apontar seus riscos e equívocos, mas também o desafio de uma reflexão que seja capaz de proporcionar outras experimentações para o presente fora dos limites abafados desse imenso jardim das aflições.

### Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Vitória: Milfontes, 2018.
- CARVALHO, Olavo de. A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 4ª edição, 2014.
- CARVALHO, Olavo de. O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo. São Paulo: Vide Editorial, 4ª edição, 2016.
- CARVALHO, Olavo de. O jardim das aflições - de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. Campinas: Vide Editorial, 3ª edição, 2015.
- CUNHA, Martim Vasques da. A tirania dos especialistas: da revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- EPICURO. Carta sobre a felicidade (A Meneceu). São Paulo: UNESP, 2002.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). O Brasil Republicano (vol.5). O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016). 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Nosso amplo presente. São Paulo: Unesp, 2014.
- HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

- KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC/Rio, 2006.
- LEFORT, Claude. Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LILLA, Mark. A mente naufragada: sobre o espírito reacionário. São Paulo: Record, 2018.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. Pensamento político brasileiro: temas, problemas e perspectivas. In: LYNCH, Christian Edward Cyril (org.); SOUSA, Elizeu Santiago Tavares de (org.); CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto (org.). Pensamento político brasileiro: temas, problemas e perspectivas. Curitiba: Appris, 2019.
- MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MUDDE, Cas. A extrema direita hoje. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022.
- OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado da Silva. Gramsci no jardim das aflições. Belo Horizonte: Anais do VIII Encontro de Pesquisa em História da UFMG, 2019.
- OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado da Silva. O Brasil no jardim das aflições: o pensamento antipolítico de Olavo de Carvalho. In: BARBOSA, Cairo (org.); GAIO, Henrique (org.); PEREZ, Rodrigo (org.). O signo do atraso no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.
- SEDGWICK, Mark. Contra o mundo moderno: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Ayinê, 2020.
- STEFANONI, Pablo. A rebeldia tornou-se de direita? Campinas: Editora Unicamp, 2022.